Rádio educativo – percepções a partir dos coordenadores do Programa Mais Educação

Edgard Patrício
Jornalista, doutor em Educação. Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará.
E-mail: edgard@ufc.br

Resumo: O Programa Mais Educação, ação implantada em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC), pretende desenvolver uma política pública de educação integral para as escolas brasileiras. A oferta de atividades do Programa Mais Educação é dividida em macrocampos. Um dos macrocampos é Comunicação e Uso de Mídias. Em junho de 2015, eram 28 escolas municipais de Fortaleza vinculadas ao Mais Educação e com opção de rádio escolar. Para esse trabalho, foram realizadas entrevistas com 21 coordenadores do Programa. A intenção é perceber se os princípios apontados pelo MEC para esse macrocampo estão sendo apropriados pelas ações desenvolvidas nas escolas.

Palavras-chave: comunicação; rádio; educação; Mais Educação; educação integral.

Abstract: The Mais Educação [More Education] program implemented in 2007 by Brazil's Ministry of Education (MEC) intends to develop a public policy of integral education for schools. Mais Educação's activities are divided into fields of knowledge, one of them being "Communication and media use". In June 2015, 28 municipal schools were linked to Mais Educação with a school radio option. For this work, 21 Mais Educação's coordinators were interviewed with the objective to acknowledge if the principles appointed by the MEC for the Communication field were appropriate for the actions undertaken in said schools.

Keywords: communication; radio; education; Mais Educação; integral education.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil caminhou, nas últimas décadas, para o acesso universal de crianças, adolescentes e jovens ao ensino fundamental. Mas as matrículas nesse nível de ensino superam a população residente. Esse dado revela que ainda há um represamento de crianças e adolescentes de faixa etária própria do ensino médio (15 a 17 anos) no ensino fundamental. Em 2011[1], para uma população residente de 29.264.015 na faixa etária de 6 a 14 anos, própria do ensino fundamental, foram efetivadas 30.358.640 matrículas. Em relação ao ensino médio,

Recebido: 06/08/2016
Aprovado: 16/12/2016

1. Ministério da Educação. **Censo da educação básica: 2012 – resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013, p. 20.

nem mesmo o acesso foi garantido. Em 2011[2], para uma população residente na faixa etária de 15 a 17 anos (própria do ensino médio) de 10.580.060 adolescentes, as matrículas alcançaram apenas 8.400.689 dessa população. Em relação a dados qualitativos, em 2013[3], apenas 89,3% dos matriculados no ensino fundamental lograram aprovação. No ensino médio, o dado é ainda mais preocupante. Apenas 80,1% dos matriculados foram aprovados. Resultados que aumentam a distorção idade-série nos dois níveis de ensino, o que pressupõe maiores evasões escolares.

O Programa Mais Educação, ação do governo federal do Brasil, desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC), aparece em 2007 como alternativa à melhoria da qualidade da educação básica. Constitui-se como estratégia para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo sete horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica[4]. A proposta de educação integral do Programa Mais Educação situa-se na trajetória de vários projetos semelhantes presentes em momentos da história do país[5]. Uma educação não somente de tempo integral, mas de proposta integrada e de ampliação de espaços da educação, seria o desafio do Programa Mais Educação[6].

A oferta de atividades do Programa Mais Educação é dividida em "macrocampos". Um dos macrocampos é Comunicação e Uso de Mídias. Nesse macrocampo são oferecidas às escolas públicas atividades relacionadas ao jornal escolar, rádio escolar, história em quadrinhos, fotografia e vídeo. Em 2010, primeiro ano de sistematização dos dados da oferta do Programa pelo governo federal[7], foram atendidas 9.995 escolas, alcançando 3 milhões de estudantes. Dessas, 3.911 optaram pelo macrocampo Comunicação e Uso de Mídias. Nesse universo, 2.218 escolas fizeram opção pela rádio escolar. Dados obtidos junto à Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, fornecidos em planilhas e sistematizados pelo autor, indicam que, em junho de 2015, são 28 escolas vinculadas ao Mais Educação e com opção de rádio escolar. Como há uma permanência por tempo determinado no Programa na mesma atividade, em outras 26 escolas funcionam rádios escolares, mas não vinculadas ao Mais Educação.

2. OS PRINCÍPIOS DO MACROCAMPO COMUNICAÇÃO E USO DE MÍDIAS DO MAIS EDUCAÇÃO

Os Cadernos Pedagógicos — 9[8] que tratam do macrocampo Comunicação e Uso das Mídias pelo Programa Mais Educação, partem de Umberto Eco[9] para justificar a importância da discussão sobre o campo dentro da proposta de educação integral do MEC. E destaca o conceito de "idade mídia", do autor

2. Idem, p. 24.

3. Ministério da Educação. **Taxa de Rendimento, Brasil**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

4. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>. Acesso em: 25 jul. 2016.

5. Vale lembrar na primeira metade da década de 1990, por exemplo, dois polêmicos projetos com a mesma concepção básica: os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) e os Centros Integrados de Apoio à Criança (Ciacs). Os Cieps foram criados na primeira gestão do governador Leonel Brizola no Rio de Janeiro (1983-1987), com o fim de oferecer educação integral à criança. Já os Ciacs, do governo federal, inspiraram-se no modelo dos Cieps. Tinham aproximadamente o mesmo custo (US$ 1 milhão por unidade) e atendiam o mesmo número de crianças (750 a 1.000).

6. Mesmo partindo de uma autocrítica, as ações do Mais Educação ainda seguem produzindo resultados questionáveis quanto a sua efetividade. Junkes (2015), em trabalho sobre as produções acadêmicas que enfocam a Educação em Tempo Integral (ETI), afirma que as análises seguem constatando a fragmentação do currículo, ao ampliar o tempo e o espaço educativo e diferenciá-lo entre turnos e contraturnos, principalmente, no ensino fundamental. Esses dados repercutem nas finalidades formativas da escola, que volta a ser operada por profissionais voluntários, sem formação suficiente, que desconhecem as peculiaridades do desenvolvimento das crianças e seus direitos sociais.

referenciado, como atestador da importância que a comunicação tem no mundo atual. Também tornam explícita sua inspiração em Paulo Freire[10] ao falar da aproximação entre as duas áreas, Comunicação e Educação. "Ora, se a escola tem no âmago da sua existência a construção da autonomia dos educandos, como seria possível realizar essa tarefa sem considerar a comunicação e seu papel na sociedade hoje?"[11]. E acabam por assumir o termo Educomunicação como a nova área acadêmica que alia as duas áreas antes específicas, a Educação e a Comunicação. Nesse caso, aproximam-se do pensamento de Martín-Barbero[12], a partir de uma visão culturalista da realidade.

Soares[13] é o autor reconhecido pelos Cadernos ao tratar da comunicação e uso das mídias na escola, utilizando o termo Educomunicação. O novo campo absorveria seus fundamentos dos tradicionais campos da educação, da comunicação e de outros campos das ciências sociais, superando, desta forma, as "barreiras epistemológicas impostas pela visão iluminista e funcionalista de relações sociais que mantêm os tradicionais campos do saber isolados e incomunicáveis"[14].

A compreensão dos Cadernos sobre o uso das mídias na escola passa por uma visão interdisciplinar desse processo. Eles apontam que, embora, "não tenha o objetivo de solucionar todas as questões da educação brasileira, o *Mais Educação*, por meio da *Comunicação e Uso de Mídias*, é um instrumento importante de flexibilização do currículo e de capilarização de uma proposta interdisciplinar"[15]. A produção em comunicação é entendida como "uma prática estudantil/escolar, que respeita a autonomia dos estudantes e que deve envolver as mais diversas disciplinas"[16].

O exercício da leitura crítica da mídia de massa seria "um dos pressupostos, para que o jornal, revista, quadrinhos, vídeo ou rádio produzidos por crianças, adolescentes e jovens tenham de fato um caráter autêntico e inovador nos programas de *Comunicação e Uso de Mídias*". Seria preciso antes de qualquer esforço para produzir comunicação, "conhecer e analisar o sistema midiático de massa que, hoje, é ainda dominante. Isso significa entender, profundamente, as relações comerciais dos veículos e o papel importante que eles exercem na construção de valores pessoais e sociais"[17]. Mas a proposta não estaria restrita à recepção crítica da comunicação. Os Cadernos[18] apontam para uma etapa seguinte, de produção da comunicação. Seria uma aproximação dos Cadernos ao pensamento de Celestine Freinet[19].

Por último, cabe destacar, ainda, a visão dos Cadernos[20] em torno da função social da leitura e da escrita nos processos de aproximação entre Educação e Comunicação no ambiente escolar. O uso da língua e da expressão, no processo, seria "fundamental, para que a mensagem seja compreendida pelo receptor (público-alvo da mídia em questão) e o produto de comunicação seja, de fato, eficiente". Os educandos seriam levados a perceber que é "a partir da mudança e leitura de mundo locais, que são construídas as leituras e as mudanças globais, e que é possível elaborar um novo, transformador e autêntico tipo de comunicação".

7. Os dados foram apresentados em reunião técnica promovida pela Secretaria de Educação Básica, do Ministério da Educação, em 2012, da qual o autor participou como convidado. O arquivo da apresentação, em PowerPoint, foi disponibilizado aos participantes.

8. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Caderno Pedagógico 9** — Comunicação e Uso de Mídias. Série Cadernos Pedagógicos do Programa Mais Educação. Brasília, 2012b.

9. ECO, U. **O superhomem de massa**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

10. FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

11. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012b, p. 9.

12. MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

13. SOARES, I. **Caminhos da educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

14. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012b, p. 16.

15. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Caderno Pedagógico 9**, p. 19.

16. Idem, ibidem.

17. Idem, pp. 19-20.

18. Idem, p. 20.

19. FREINET, C. **O jornal escolar**. Lisboa: Editoral Estampa, 1974.

20. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012b, p. 20.

A proposta do Programa Mais Educação é implementada pelas escolas. Nesse âmbito, é fundamental a participação do coordenador do Mais Educação. É ele que, a princípio, "zelaria" para que as atividades, em quaisquer macrocampos, não fossem desvirtuadas do sentido inicial proposto pelo MEC. E com a rádio escolar, como atividade do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, não seria diferente. Para perceber as aproximações entre o que propõe o MEC e o que pode orientar a implantação das propostas das rádios escolares, no âmbito das escolas, é que realizamos uma pesquisa entre os coordenadores do Mais Educação de 21 escolas de Fortaleza que optaram pela atividade rádio escolar.

3. AS PERCEPÇÕES DOS COORDENADORES DO MAIS EDUCAÇÃO SOBRE O RÁDIO EDUCATIVO

3.1 Contextualizando a pesquisa

3.1.1 A rotina do Mais Educação nas escolas

Em média, a escola "pode" escolher entre cinco e seis atividades, do conjunto de atividades que compõem todos os macrocampos do Mais Educação[21]. Dessas cinco ou seis atividades, uma, necessariamente, tem que ser a de reforço pedagógico, do macrocampo Acompanhamento Pedagógico, de caráter obrigatório para as escolas participantes. Em relação ao macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, na opção rádio escolar, o apoio do MEC alterna-se entre o envio de um *kit* de equipamentos para a escola utilizar ou a remessa de recursos financeiros para que a própria escola adquira os equipamentos[22]. As escolas chegam a esperar um ano para a efetiva remessa dos equipamentos. Como a opção das atividades é anual, em algumas escolas os equipamentos chegam sem que a escola tenha mais a opção rádio escolar entre suas atividades, o que gera descontinuidade. O atraso na chegada dos equipamentos também desestimula a participação dos estudantes e professores, que veem suas expectativas não atendidas ao longo daquele ano.

Outro problema é que o mesmo estudante que faz a opção, por exemplo, por rádio escolar, tem, obrigatoriamente, que participar de todas as outras atividades selecionadas pela escola para aquele ano. A atividade de reforço pedagógico é diária. Cada atividade toma, em média, 90 minutos das três horas diárias dedicadas ao Mais Educação na escola, no contraturno escolar. Tomando-se por base cinco atividades selecionadas mais o reforço pedagógico, de caráter obrigatório, a cada dia o estudante participa do reforço pedagógico mais uma atividade. Em razão disso, se a escola fizer a opção por rádio escolar o trabalho com essa atividade vai se resumir a 90 minutos semanais, seis horas mensais, o que prejudica qualquer processo formativo que venha a se desenvolver, de caráter mais sistemático.

21. São dez macrocampos à disposição das escolas: 1. Acompanhamento Pedagógico, 2. Educação Ambiental, 3. Esporte e Lazer, 4. Direitos Humanos em Educação, 5. Cultura e Artes, 6. Cultura Digital, 7. Promoção da Saúde, 8. Comunicação e Uso de Mídias, 9. Investigação no Campo das Ciências da Natureza, 10. Educação Econômica. Esses macrocampos oferecem 62 diferentes atividades aos estudantes (Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Passo a passo do Programa Mais Educação**. Brasília, 2011).

22. O *kit* de equipamentos é composto de microfone, mesa de som de seis canais, caixa de som amplificada e gravador digital.

3.1.2 A seleção do conjunto de dados da pesquisa

Nas 21 escolas que participaram desse levantamento, situadas em Fortaleza, foram aplicados questionários específicos para diretores, coordenadores do Mais Educação, professores de sala de aula e estudantes, ao longo do ano de 2014. No caso do coordenador, como há apenas um por escola, foi aplicado apenas um questionário. Esse detalhe serve, inclusive, para mais uma crítica ao funcionamento do Programa. O coordenador fica responsável pelo acompanhamento de todas as atividades de todos os macrocampos selecionados pela escola, o que torna sua tarefa, se não impossível, de difícil efetividade.

Os coordenadores responderam a um questionário de 63 perguntas, com questões abertas ou de múltiplas escolhas, dividido em duas partes: a) cenário do Mais Educação, incluindo indagações sobre o processo de implantação do Programa na escola; e b) cenário Comunicação e Uso de Mídias e opção rádio escolar, tratando do processo de opção da atividade rádio escolar e sua implementação na escola. Devido ao espaço disponível nesse artigo, resumimos a análise dos dados a uma dimensão que nos parece chave nessa discussão, qual seja a percepção do conceito de rádio educativo, associado ao desenvolvimento das atividades da rádio escolar. As respostas a duas perguntas específicas, inseridas no questionário, serviram de base para uma análise aproximativa dessa dimensão. A primeira, "o que é o rádio educativo para você?"; a segunda, "dê um exemplo de como poderia ser um programa de rádio educativo".

Como orientação das análises, não nos pareceu relevante identificar as escolas e seus respectivos coordenadores. Talvez em estudo mais amplo isso possa ser necessário, para saber, por exemplo, a visão de um coordenador e de um diretor da mesma escola sobre determinado assunto. Os coordenadores foram identificados por números. A análise das respostas identifica algumas categorias nessas percepções.

4. AS INTERPRETAÇÕES DOS DADOS

4.1 O rádio educativo como ambiente de melhoria da leitura e escrita

Essa foi a percepção dos coordenadores, em relação ao que seria o rádio educativo, que mais se aproximou das orientações do MEC em se tratando do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, do Programa Mais Educação. Cerca de 35% dos coordenadores do Mais Educação, nas escolas, responderam, espontaneamente, uma vez que essa questão do instrumental de pesquisa era aberta, que o rádio educativo mantinha uma relação estreita com a leitura e a escrita. O Coordenador 05 chama atenção, de forma enfática para esse aspecto. Segundo ele, o rádio educativo pode ser uma "ferramenta que ajuda e alavanca a aprendizagem dos estudantes. Algo que trabalhasse a leitura e a escrita e despertar novas formas de comunicação".

Outros coordenadores seguiram na mesma direção. Para o Coordenador 11, o rádio educativo contribuiria "tanto para socialização, comunicação e até o português. Quando iam falar, os professores conversavam e atentavam para o cuidado com a língua portuguesa. Os alunos gostavam". Mesmo quando não aparece de forma explícita, a importância da leitura e da escrita está nas ideias dos coordenadores. O Coordenador 06 indica que o rádio que seja educativo, por exemplo, poderia "usar a música para debater e aprender a língua portuguesa". O mesmo defende o Coordenador 13, quando avalia a possibilidade do rádio educativo ser suporte para o "desenvolvimento da aprendizagem. Criações dos alunos, canções, letras de músicas. Produções dos próprios estudantes".

Será que os coordenadores do Mais Educação aprenderam a lição de casa, e incorporaram os princípios que o MEC propõe para o macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, do Programa Mais Educação? Outra suposição é possível. Do ponto de vista da aprendizagem, existe, hoje, um consenso educativo de que leitura e escrita são as bases desse processo, sobretudo quando investidas de sua função social. Ora, nada mais interessante que o rádio, um meio de comunicação que trabalha por excelência a oralidade, sem perder de vista a intersecção com a escrita, para incorporar esses princípios. Por esse viés, o rádio seria um meio de comunicação que aproxima sobremaneira o mundo real do mundo escolar.

Essa visão está inscrita na fala do Coordenador 04, quando enfatiza que o rádio educativo "ajuda ao desenvolvimento linguístico, fortalece a leitura. Permite ao aluno desenvolver-se no âmbito da comunicação". Mas, ao mesmo tempo em que ratifica um princípio defendido pelo MEC, vai de encontro a outro princípio, também apropriado pelo MEC em relação ao macrocampo Comunicação e Uso de Mídias. Para o mesmo Coordenador 04, o rádio educativo também serviria para passar a "informação mais objetiva, esclarecida. É importante para contextualizar o aluno no mundo em que ele vive". O que, de certa maneira, entra em conflito com o princípio defendido pela política pública de que o Comunicação e Uso de Mídias deve se pautar pela valorização da autonomia do estudante em relação à produção da comunicação. E essa percepção ainda "bancária"[23] do saber perpassa a opinião de outros coordenadores.

4.2 A construção da autonomia a partir da realidade

Como vimos, outro princípio trabalhado pelo MEC, sobre o macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, é que as práticas educomunicativas caminhem na direção da construção da autonomia dos estudantes, a partir do conhecimento de sua própria realidade. E esse princípio passou ao largo da percepção dos coordenadores sobre o rádio educativo. O Coordenador 03 vê o estudante como um personagem alheio ao mundo real. Por isso, o rádio educativo poderia ser utilizado para levar "informações para dentro da escola e informar o

23. A concepção "bancária" de aprendizagem é um conceito trabalhado por Paulo Freire, segundo o qual os educadores reconheceriam nos educandos apenas um espaço vazio, em que poderiam "depositar" o conhecimento.

jovem sobre o que está acontecendo no mundo, pois muitas vezes o aluno está fechado para a realidade".

Outros coordenadores ainda estão atentos ao que rodeia os estudantes. Mas, se acertam na percepção da realidade, patinam em como ela pode ser trabalhada. E aí vem o choque com a autonomia. O Coordenador 02 compreende que um programa de rádio que se queira educativo teria que tratar de "temas escolares (gincanas educacionais, questões do alunato, como *bullying*, questão de gênero, sexualidade, que fazem parte da vida do aluno)". O Coordenador 12 também vai na mesma perspectiva, que os programas de rádio educativo deveriam trabalhar temáticas como sexualidade e drogas.

Mas como abordar essas temáticas da realidade? O Coordenador 07 aponta que nem sempre a realidade é uma boa companhia para a educação. Sempre essa educação pautada pelo zelo ao "interesse dos alunos". Mesmo que esse "zelo" vá de encontro a uma apropriação autônoma da realidade que o circunda. Então, na percepção desse coordenador, o rádio educativo

> nunca vai enfocar na violência e coisas escandalosas. O objetivo tem que ser educar. Falar sobre datas comemorativas, divulgar coisas que eles não sabem — que os professores não falam em sala, mas é importante. Ter foco em coisas relevantes para os alunos, tocar música boa, mas que eles gostam, tocar músicas que eles não conhecem, mas podem vir a gostar.

Visão essa reforçada pelo Coordenador 14, que identifica no rádio educativo uma possibilidade "bancária" de aprendizagem. Pela sua compreensão, a comunicação produzida pelo rádio educativo seria aquela que "faz uma divulgação de tudo aquilo que o aluno precisa saber, aprender aquilo que venha trazer para o aluno um valor de grau intelectual e um conhecimento para a vida". Em outros termos, o "aluno" é desprovido de quaisquer saberes, e eles se introjetam de fora para dentro. Ou, como afirma o Coordenador 09, de forma peremptória:

> É uma forma de *dar* aos meninos mais informações, abrir a cabeça deles, mostrar como funciona a rádio, como eles podem participar. Toda informação é cultura. Levar informações importantes que vão somar alguma coisa importante na sua vida. Tudo o que a criança aprende faz parte da educação. O rádio educativo é isso: é ensinar, é mostrar. (grifo do autor)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas categorias que acabamos de analisar apontam para uma apropriação contraditória dos princípios do macrocampo Comunicação e Uso de Mídias, do Programa mais Educação. Fizemos essa aproximação a partir da compreensão que os coordenadores do Mais Educação têm do rádio educativo. Outras percepções, dos coordenadores, deixam antever algumas possibilidades. O Coordenador 01 afirma que o rádio educativo pode representar a "abertura

de um leque de possibilidades de aprendizagem para os alunos e os professores, proporcionando maior interação entre estes, envolve a escola como um todo". Percepção enfatizada pelo Coordenador 08, para o qual o rádio educativo pode representar um "processo de aprendizagem que muda, transforma e mostra novas situações na escola".

Mas para a construção de uma proposta de rádio educativo que avance ao encontro dos princípios postos pelo MEC, é fundamental, antes de tudo, uma percepção crítica do modelo e conteúdo da comunicação mais utilizado em nossa realidade. Seria até defensável afirmar que, ao contrário do que afirma o MEC, não seria necessário a postulação de um etapismo quanto ao fluxo de primeiro se perceber criticamente a comunicação para depois se produzir uma comunicação "autônoma", ou "educativa". Mas essa percepção crítica da comunicação está ausente da fala dos coordenadores, mesmo considerando-se suas boas intenções. E são esses aspectos contraditórios que, se encaramos o conflito como algo positivo, podem render bons diálogos.

Outra interpretação das opiniões díspares entre os coordenadores do Mais Educação e as diretrizes emanadas do Programa pode estar relacionada à deficiência na formação desses profissionais para assumir a coordenação de atividades tão díspares. Não existe formação específica, por parte do Mais Educação, para a atuação dos coordenadores. Em se tomando as atividades passíveis de seleção pelas escolas, seus coordenadores teriam que acompanhar de ações relacionadas ao acompanhamento pedagógico à educação patrimonial; da educação ambiental à cultura digital; da promoção da saúde à comunicação e uso de mídias. Como oferecer uma contribuição qualitativa efetiva a dimensões tão amplas da construção do conhecimento? Pode restar apenas uma "condução" burocrática das atividades que, no caso do rádio educativo, pode contribuir, decisivamente, para uma apropriação errônea de seus princípios, embotando suas possibilidades de atuação junto à escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, U. **O superhomem de massa**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FREINET, C. **O jornal escolar**. Lisboa: Editoral Estampa, 1974.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JUNCKES, Cris Regina Gambeta. **Escola de tempo integral e o direito à infância**: uma análise da produção acadêmica (1988-2014). Dissertação de Mestrado (2015). Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/136305/335965.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 jul. 2016.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. **Passo a passo do Programa Mais Educação**. Brasília, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo da educação básica: 2012 —** resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Caderno Pedagógico 9 —** Comunicação e Uso de Mídias. Série Cadernos Pedagógicos do Programa Mais Educação. Brasília, 2012b.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Taxa de Rendimento, Brasil**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

SOARES, I. **Caminhos da educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.